



Aprovou!

ELITE Resolve

FUVEST - 2015

2ª FASE



FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR

FUVEST

PORTUGUÊS

www.elitecampinas.com.br

OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



“Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda”, disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, “por causa do calor de matar”.

Por não ter trabalho em local fixo (“Cato lata, ajudo numa empresa de carreto. Faço o que dá”), ele varia o local de pouso. “Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua”.

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

a) Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.

b) O vocábulo “pra”, presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

Resolução

a) Caberia ao candidato perceber que a associação entre a imagem do homem deitado sobre a cobertura do ponto de ônibus e a frase em destaque (“Conforto, segurança e beleza. Aqui os benefícios não são passageiros”) cria uma situação bastante contraditória. Aquilo que a ação de publicidade “promete” – o conforto e a segurança de aguardar o ônibus em um ponto novo, bem demarcado, com assentos e cobertura, além de moderno e bonito – não alcança João Paulo, sem-teto que vive na cidade de São Paulo. Interessante notar, também, que ocorre um deslizamento de sentido no uso da palavra “passageiro”, pois, no contexto do transporte público, tal palavra é usada como substantivo no sentido de “aquele que usa o transporte, o passageiro”, no entanto, na ação publicitária, essa palavra é entendida como o adjetivo que significa “aquilo que passa rápido, breve, momentâneo”.

O candidato poderia ainda, considerando o que foi dito anteriormente, apontar a ironia que se percebe ao nos darmos conta de que os valores em destaque na ação publicitária (conforto, segurança e beleza) não fazem parte da vida de João Paulo, o que contribui para a sensação de exclusão daqueles que vivem em condições análogas à dele, já que nem mesmo o transporte público os enxerga como indivíduos “dignos” dos benefícios que assegura.

Outra leitura possível para a associação entre os elementos visuais e verbais da imagem é a oposição entre o que diz o anúncio e o que João Paulo causa à cena como um todo. É possível entender a contradição no sentido de que a presença do sem-teto naquele lugar não oferece aos usuários o conforto, a segurança e tampouco a beleza prometida pela frase impressa no ponto de ônibus. Sendo assim, João Paulo seria visto como o elemento estranho à cena e, portanto, o que impediria que o anúncio fosse verdadeiro – causando assim a contradição na imagem apresentada.

b) Entre os elementos linguísticos próprios da língua falada corrente e informal encontrados nas declarações de João Paulo, estão a expressão “é só” (“É só colocar um cobertor embaixo”) e a interpelação direta, através do pronome pessoal oblíquo “te” (“e ninguém te incomoda”) como referência a um interlocutor genérico, e não especificamente o entrevistador. Além disso, o candidato poderia apontar a recorrência de períodos curtos, bastante comuns na língua falada corrente e informal, e o uso de expressões marcadamente informais, como “calor de matar” e “fazer o que dá”, além do verbo “catar”.

QUESTÃO 02

Leia o seguinte texto jornalístico:

PARA PARA

Numa de suas recentes críticas internas, a ombudsman desta Folha propôs uma campanha para devolver o acento que a reforma ortográfica roubou do verbo “parar”. Faz todo sentido.

O que não faz nenhum sentido é ler “São Paulo para para ver o Corinthians jogar”. Pior ainda que ler é ter de escrever.

Juca Kfourri, Folha de S. Paulo, 22/09/2014. Adaptado.

a) No primeiro período do texto, existe alguma palavra cujo emprego conota a opinião do articulista sobre a reforma ortográfica? Justifique sua resposta.

b) Para evitar o “para para” que desagradou ao jornalista, pode-se reescrever a frase “São Paulo para para ver o Corinthians jogar”, substituindo a preposição que nela ocorre por outra de igual valor sintático-semântico ou alterando a ordem dos termos que a compõem. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

Resolução

a) Sim. No primeiro período do texto de Juca Kfourri, a palavra “roubou” funciona como um gatilho que dispara a pressuposição de que o jornalista não está contente com a “queda” do acento gráfico diferencial, outrora presente na terceira pessoa do singular no presente do indicativo do verbo “parar”. Essa inferência se permite pela conotação necessariamente negativa de “roubar”, associado a apropriações indevidas, frequentemente, violentas. Assim, o articulista descreveria o desaparecimento do acento a algo impróprio, inadequado.

b) Sim. A substituição da preposição, respeitando as relações sintático-semânticas no segmento em que se encontra “para para”, poderia evitar o desconforto alegado pelo jornalista. Uma possível reescrita seria “São Paulo para a fim de ver o Corinthians jogar”. A outra proposta fornecida no enunciado, a alteração da ordem dos termos, também seria válida para que se evitasse a ocorrência de “para para”. Dessa maneira, teríamos, por exemplo, “Para ver o Corinthians jogar, São Paulo para” ou “São Paulo, para ver o Corinthians jogar, para”. Portanto, ambas as sugestões da assertiva atendem ao que se propõe.

QUESTÃO 03

Leia o seguinte texto:

Mal traçadas

Canadá planeja extinguir os carteiros

No mundo inteiro, os serviços de correio tentam se adaptar à disseminação do e-mail, do Facebook, do SMS e do Skype, que golpearam quase até a morte os hábitos tradicionais de correspondência, mas em nenhum lugar se chegou tão longe quanto no Canadá. Em dezembro, o *Canada Post* anunciou nada menos que a extinção do carteiro tal como o conhecemos. A meta é acabar com o andarilho uniformizado que, faça chuva ou faça sol, distribui envelopes de porta em porta e, às vezes, até conhece os rostos por trás dos nomes dos destinatários. Os adultos de amanhã se lembrarão dele tanto quanto os de hoje se recordam dos leiteiros, profetizou o blog de assuntos metropolitanos do jornal *Toronto Star*, conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica.

Claudia Antunes, <http://revistapiaui.estadao.com.br>. Adaptado.

a) Qual é a relação de sentido existente entre o título “Mal traçadas” e o assunto do texto?

b) Sem alterar o sentido, reescreva o trecho “conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica”, substituindo a palavra “conformado” por um sinônimo e o adjetivo “inelutável” pelo verbo lutar, fazendo as modificações necessárias.

Exemplo: “marcha inevitável da modernidade tecnológica” = marcha da modernidade tecnológica que não se pode evitar.

Resolução

a) O ensino tradicional cristalizou algumas fórmulas do discurso missivista, como a expressão de abertura “venho por meio destas mal traçadas linhas”. A insistência da tradição na repetição exaustiva desses modelos, tais quais “mantras do bem escrever”, na redação de cartas e bilhetes, permite que essa informação consabida seja mobilizada pela articulista. Assim, ao lançar mão do título “mal traçadas”, Claudia Antunes nos remete às cartas, que, segundo o texto, assim como os carteiros, já tiveram dias mais populares.

b) Uma possível reescrita para o excerto seria: resignado à marcha da modernidade tecnológica contra a qual não se pode lutar. O vocábulo “conformado”, neste contexto, deve ser lido como “aquele que se conformou” ou “o que aceitou” as mudanças na circulação de correspondências. A escolha pela redação do segmento que faz as vezes de “inelutável” se deveu à observação do caminho proposto pelo examinador, que, em seu exemplo fornecido no enunciado, substituiu o adjetivo “inevitável” por uma oração subordinada adjetiva, “que não se pode evitar”. Visto que “inelutável” pode ser parafraseado como “aquilo contra o que não se pode lutar”, faz-se necessário observar que, por questões de regência, o pronome “a qual”, cujo referente é o sintagma “marcha da modernidade tecnológica”, deve ser precedido pela preposição “contra”, uma vez que “lutar” pedirá um complemento relativo preposicionado. Essa ordem para os termos não é comum na maioria das variedades de português faladas no Brasil, que prefeririam “...tecnológica que não se pode lutar **contra** (ela)”. Portanto, o item em apreço explora a capacidade do candidato em se adequar ao padrão escrito culto num ponto em que ele provavelmente diverge de sua variedade vernacular.

QUESTÃO 04

Leia a seguinte mensagem publicitária de uma empresa da área de logística:

A gente anda na linha para levar sua empresa mais longe

Mudamos o jeito de transportar contêineres no Brasil e Mercosul. Através do modal ferroviário, oferecemos soluções logísticas econômicas, seguras e sustentáveis.

a) Visando a obter maior expressividade, recorre-se, no título da mensagem, ao emprego de expressão com duplo sentido. Indique essa expressão e explique sucintamente.

b) Segundo o anúncio, uma das vantagens do produto (transporte ferroviário) nele oferecido é o fato de esse produto ser “sustentável”. Cite um motivo que justifique tal afirmação.

Resolução

a) A expressão a ser indicada é “anda na linha”, ou ainda a oração “a gente anda na linha”. É possível afirmar que tal expressão carrega duplo sentido se for considerado o uso popular e corrente que se faz dela, ou seja, era necessário reconhecer que usualmente, quando se diz que alguém “anda na linha”, quer-se dizer que essa pessoa age corretamente, não faz nada que seja condenável, faz tudo certo. Ao associar essa ideia, trazida para o texto por meio da expressão em destaque, ao serviço oferecido pela empresa de logística, a expressão ganha novo sentido: o transporte de contêineres é feito por trens, em ferrovias, ou seja, sobre os trilhos, que podem ser comparados a linhas. Assim, temos que a expressão “andar na linha” remete tanto à confiabilidade da empresa quanto ao serviço por ela oferecido.

b) Considerando o transporte de cargas por ferrovias, o candidato poderia apontar as suas vantagens em relação a outros tipos de transporte, especialmente o rodoviário, mais comum no país: há menor gasto de combustível, redução do tempo no transporte das cargas e maior capacidade de armazenamento – tudo isso traz como consequência a redução da emissão de poluentes e também o aumento do tempo de conservação das próprias rodovias.

QUESTÃO 05

Limite inferior

Apreendi muito com o economista-filósofo Roberto de Oliveira Campos, particularmente quando tive a honra e a oportunidade de conviver com ele durante anos na Câmara dos Deputados. Sentávamos juntos e assistíamos aos mesmos discursos, alguns muito bons e sábios.

Frequentemente, diante de alguns incontroláveis colegas que exerciam uma oratória de alta visibilidade, com os dois braços

agitados tentando encontrar uma ideia, Roberto me surpreendia com a afirmação: “Delfim, acabo de demonstrar um teorema”. E sacava uma mordaz conclusão crítica contra o incauto orador.

Um belo dia, um falante e conhecido deputado ensurdeceu o plenário com uma gritaria que entupiu os ouvidos dos colegas. A quantidade de sandices ditas no longo discurso com o ar de quem estava inventando o mundo fez Roberto reagir com incontida indignação. Soltou de supetão: “Delfim, construí um axioma, uma afirmação preliminar que deve ser aceita pela fé, sem exigir prova: a ignorância não tem limite inferior”. E completou, com a perversidade de sua imensa inteligência: “Com ele poderemos construir mundos maravilhosos”.

Antonio Delfim Netto, Folha de S. Paulo, 17/09/2014. Adaptado.

a) Explique por que o axioma formulado por Roberto de Oliveira Campos tornaria possível “construir mundos maravilhosos”.

b) Identifique o trecho do texto que explica o emprego da expressão “oratória de alta visibilidade”.

Resolução

a) Para que se compreenda o axioma “a ignorância não tem limite inferior”, não se faz necessário conhecer a teoria matemática que envolve o conceito de limite inferior ou ponto de mínimo de uma função. Entretanto, dada a ocorrência de termos matemáticos, como “teorema”, “axioma”, “limite inferior”, e a formação em Economia dos interlocutores envolvidos no diálogo narrado, Antônio Delfim Netto e Roberto de Oliveira Campos, parece produtivo que se explique que “limite inferior” ou mínimo global de uma função é o menor valor que a função pode atingir, de modo que, se uma função não possui limite inferior é porque ela pode assumir valores infinitamente negativos. Assim, o autor do axioma brinca, no jargão da Economia, com a ignorância e sua infinidade, assistindo à eloquência do deputado que lhe motivou a observação. Vale notar que a opção pelo “limite inferior” (e não superior) reforça a pejoração da fala de Roberto.

Feitas essas análises preliminares, cumpre também dizer que a leitura do adjetivo “maravilhosos” influenciará de maneira determinante o sentido do trecho. Caso assumamos o sentido de “espantosos”, “assombrosos”, “surpreendentes”, sempre mantendo a conotação negativa que permeia a crítica que consta no trecho, o economista-filósofo terá observado que a ignorância, por não ter limites, permite a existência de realidades monstruosas, nefastas. Uma outra possibilidade de ler a relação entre o axioma e a construção de “mundos maravilhosos” resulta de “maravilhosos” adquirir o sentido de “fantásticos”, “quiméricos”, “irreais”. Nesse sentido, a ignorância permitiria a construção de mundos fabulosos, que pouco, ou nenhum, respaldo encontram na realidade.

Das leituras possíveis, essa última parece ser mais acertada, por se sustentar na proximidade que “inventar” e “construir” mantêm no trecho, uma vez que mundos se constroem, como axiomas (“... construí um axioma”, “... poderemos construir mundos maravilhosos”), assim como se inventam (“... com o ar de quem estava inventando o mundo...”).

b) A expressão “oratória de alta visibilidade” pode ser justificada pelo trecho “com os dois braços agitados”, que caracteriza os “incontroláveis colegas”, segundo o autor. Essa associação é possível pela cooperação das linguagens verbal e não verbal na produção do discurso dos deputados, como se via na assembleia da Câmara dos Deputados, na ocasião relatada. A retórica clássica, sobretudo em Aristóteles, tratava da gesticulação na maneira como o orador elabora a *actio*, ou seja, a inclusão de elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e gestualidade. Essa parte da organização do sistema retórico estaria exagerada, quiçá na tentativa de escamotear outros elementos faltantes ou inconsistentes no discurso.

QUESTÃO 06

Examine a tirinha.



Fernando Gonsales, Niquel Náusea: Cadê o ratinho do titio? São Paulo: Devir, 2011.

- a) De acordo com o contexto, o que explica o modo de falar das personagens representadas pelas duas traças?
- b) Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.

Resolução

a) O contexto explicitado na tirinha permite inferir que as traças apresentam esse modo de falar por estarem lendo a Bíblia, livro em que se encontra frequentemente o uso de ênclise e de verbos flexionados na segunda pessoa do plural (o que pode ser percebido nas falas das traças). Ainda que essas formas sejam identificáveis pelo seu padrão (seja da partícula separada por hífen ao final do verbo na ênclise, seja pela terminação em “-es” dos verbos na segunda pessoa do plural), vale ressaltar que elas não estão empregadas adequadamente, o que pode indicar que as personagens estariam tão absortas nessa linguagem que fariam seu uso sem se darem conta, ou ainda que estariam tentando se aproximar dessa linguagem tida como rebuscada e valorizada.

b) Mantendo o contexto e empregando o português usual e correto, as frases poderiam ser reescritas das seguintes formas:

- *Como foi o seu dia?*

- *Queria que tivesse sido melhor!*

Vale ressaltar que usualmente utilizamos o pronome “seu”, classificado como de terceira pessoa do singular, para nos dirigirmos ao interlocutor, de forma que ele assume uma função próxima ao do pronome de segunda pessoa do singular “teu”. O uso de “seu” se dá quando utilizamos “você” como pronome de tratamento, o que pode ser considerado mais usual no português falado atual e justifica a escolha para a reescrita.

O candidato deveria perceber também que, na resposta da traça, há implícito o tom de que o dia deveria ter sido melhor (o que permite inferir que não foi bom). Por isso, na reescrita, deve ser usado o verbo no pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo – a locução “tivesse sido” deveria ser escolhida considerando que essa é a forma de representar esse tempo verbal e esse modo. Além disso, como a pergunta feita por uma das traças delimita já o tempo verbal que rege a conversa (em “Como foste o vosso dia?” o verbo “ir” está apresentado no pretérito perfeito do indicativo, indicando que o dia já terminou), a resposta deve contemplar então a ideia de que o dia está acabado e, por isso, a opção por “tivesse sido” seria a mais indicada, visto que pode indicar uma análise sobre aquilo que já foi concluído.

QUESTÃO 07

Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendi, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? – Que lho digam no Parlamento inglês, onde, depois de tantas comissões de inquérito, já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se têm de entregar antes do tempo ao cemitério para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um granjeiro – seja o que for: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*.

a) Destas reflexões feitas pelo narrador de *Viagens na minha terra*, deduz-se que ele tinha em mente um determinado ideal de sociedade. O que caracteriza esse ideal? Explique resumidamente.

b) Identifique, em *Viagens na minha terra*, o tipo social sobre o qual, principalmente, irá recair a crítica presente nas reflexões do narrador, no trecho aqui reproduzido. O que, de acordo com o livro, caracteriza esse tipo social?

Resolução

a) Garrett encarava a literatura como instrumento de transformação nacional e, por isso, em toda a sua obra, encontramos críticas sociais dirigidas a determinados grupos e classes sociais. No trecho apresentado, Garrett critica a falta de espiritualismo e a prevalência do materialismo, através de uma reflexão na qual questiona os valores predominantes na sociedade portuguesa de sua época. O ideal de sociedade preconizado pelo autor é caracterizado pelo idealismo e pelo espiritualismo, bem como pela rejeição ao materialismo. Garrett

também defende um progresso que traga junto consigo uma evolução espiritual e moral da sociedade, em detrimento daquele que somente melhora sua condição física. A posição do autor demonstra uma crítica à sociedade liberal – que ele tanto defendeu em tempos passados –, zelosa por um progresso que é responsável pela riqueza de poucos e a miséria de muitos. A solução seria, para ele, o espiritualismo romântico e o reencontro do homem com Deus e com a Natureza, além de uma melhor distribuição de renda e da criação de meios que possibilitem a sua obtenção.

b) O tipo social que é alvo de crítica por parte do narrador de *Viagens na minha terra* é o barão (agiotas, usurários e capitalistas), materialista e conservador, que procura a elevação constante de seu status, independentemente das consequências que isso pode acarretar. No trecho apresentado, Garrett cita o enriquecimento de “meia dúzia de homens”, criticando a ganância daqueles que objetivam tal enriquecimento e não se preocupam com o número de indivíduos que são destinados à miséria: “cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis”. A caracterização desse tipo social – os barões – passa pela ganância, pelo acúmulo constante de bens materiais, pela redução de tudo a cifras. São eles os responsáveis pela corrupção da sociedade portuguesa, o que gera no autor uma certa decepção em relação ao futuro de Portugal.

QUESTÃO 08

Responda ao que se pede.

a) Qual é a relação entre o “sistema de filosofia” do “Humanitismo”, tal como figurado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.

b) De que maneira, e O cortiço, de Aluísio Azevedo, são encaradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que romance foi escrito? Explique sucintamente.

Resolução

a) O “Humanitismo”, apresentado por Quincas Borba a Brás Cubas, representa uma “filosofia única, eterna, comum, indivisível e indestrutível”. O caráter absoluto dado por Quincas Borba a seu “sistema filosófico” vem da ideia de que o mundo é “representação e vontade”. É clara a influência da filosofia de Schopenhauer na obra machadiana, e o “Humanitismo” aparece, ao mesmo tempo, como a tradução do pessimismo schopenhauriano e uma sátira ao Positivismo do século XIX. É uma tradução da filosofia de Schopenhauer quando apresenta a convicção de que o que move a vida humana sobre o planeta é uma constante luta pela sobrevivência que se dá de diversas formas diferentes e, quase sempre, de maneira egoísta; é uma crítica/sátira ao Positivismo quando é colocada como uma espécie de “verdade absoluta” e solução de todos os problemas. A ideologia do sistema é a extinção da dor a qualquer custo e todos os atos humanos podem ser justificados, a partir do momento em que representam a satisfação de uma vontade (as vontades e as paixões são o que mantêm o homem vivo). Assim sendo, não preocupação com o coletivo, mas tão somente com o pessoal e o individual.

b) O *cortiço* é um romance experimental e, como tal, tende a comprovar, através de suas histórias, as teorias científicas e filosóficas nas quais acreditava e se baseava. As histórias narradas na obra representam uma comprovação prática do darwinismo – biológico e social – e do determinismo – de meio, de raça e de momento. Assim sendo, partindo da concepção positivista, na qual a ciência assume o papel que antes era da religião, explicando todos os fenômenos que ocorrem na natureza e nas sociedades humanas, Aluísio Azevedo promove uma explicação “científica” sobre os processos de formação da sociedade do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, do Brasil do final do século XIX.

QUESTÃO 09

A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto (...); transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Adaptado.

Tendo em vista estas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

- a) Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.
- b) Os juízos aqui expressos por Sérgio Buarque de Holanda encontram exemplificação em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, especialmente na parte em que se narra o período de formação do menino Brás Cubas? Justifique sucintamente.

Resolução

a) As reflexões de Sérgio Buarque de Holanda sobre a religiosidade durante a formação do Brasil aplicam-se totalmente às histórias narradas por Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um sargento de milícias*. A obra é marcada pelo sincretismo cultural e, dentro do contexto apresentado, as cerimônias religiosas e as personagens que delas participam são evidências de tal sincretismo. A comadre, beata e benzedeira de quebranto, que carregava consigo o rosário, mas também um ramo de arruda e uma figa para tirar o mal olhado, é um dos exemplos clássicos do sincretismo religioso. As cerimônias narradas sempre têm em si algo que lhes retira o caráter sério e o tom grave, e funcionam mais como eventos sociais nos quais as pessoas se encontram e se observam; mais como festejos do que como cerimônias propriamente. A confusão proporcionada por Leonardinho na chegada da procissão à igreja e o discurso do frei italiano que provocou o riso dos fiéis ou o envolvimento do mestre-de-cerimônias com a cigana, ex-amante de Leonardo Patata, também são, entre outros, episódios que poderiam ser citados.

b) A “religiosidade de superfície” à qual Sérgio Buarque de Holanda faz referência também pode ser encontrada em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Focando no período de formação do menino Brás, podemos citar dois exemplos: no capítulo XI (O menino é o pai do homem), o defunto-autor narra ao leitor fatos de sua infância que são determinantes para a identificação de sua personalidade e de seu comportamento. Dentre esses fatos, diz-nos, por exemplo, que a mãe o obrigava a decorar algumas orações, coisa que fazia tão somente por obrigação, e que de manhã e à noite rezava pedindo perdão a Deus, mas entre esses dois períodos fazia muitas maldades. No mesmo capítulo, a figura do cônego é, talvez, aquela que melhor exemplifica os juízos de Sérgio Buarque de Holanda. Brás nos diz que o tio tinha alguns dotes, como a austeridade e a pureza que, na verdade, não realçavam um espírito superior, mas compensavam um espírito medíocre. Ainda segundo o narrador, o tio era mais preocupado com as hierarquias da vida eclesiástica do que com a espiritualidade em si, e vinha “antes da sacristia do que do altar”, ou seja, o seu projeto era tornar-se cônego pelo *status* que o cargo poderia lhe oferecer, e não por uma vocação religiosa ou preocupação com a espiritualidade dos homens. Daí, representa a tal “religiosidade de superfície”.

QUESTÃO 10

Leia o poema de Drummond para responder às questões relativas a dois versos de sua última estrofe.

ELEGIA 1938

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Práticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.*

*Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.*

*Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.*

*Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.*

*Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.*

*Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.*

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

Considerando-se a “Elegia 1938” no contexto de **Sentimento do mundo**, explique sucintamente

- a) a que se refere o eu lírico com a expressão “felicidade coletiva”?
- b) o que simboliza, para o eu lírico, a “ilha de Manhattan”?

Resolução

a) No poema apresentado, Drummond expõe o drama de uma sociedade mecanizada, fria e descontente, na qual cada ser humano é considerado parte de uma coletividade, pois sua conduta se restringe apenas à repetição de gestos universais, e os seus sentimentos são apresentados de forma banalizada, porque representam unicamente necessidades existenciais. O poeta utiliza a segunda pessoa do singular (Tu) em um diálogo no qual o interlocutor é o indivíduo pertencente – e que representa – a uma classe social que busca a felicidade mas não tem tempo para atingi-la, isto é, destina sua vida quase que totalmente ao trabalho, privando-se de verdadeiramente viver. Assim sendo, a “felicidade coletiva”, impedida de se dar no tempo presente, é consequência de uma mudança de atitude diante da mediocridade e da mecanização da vida do indivíduo, que valoriza com nostalgia o passado, faz planos para um futuro incerto, e abandona o presente, único tempo no qual alguma coisa pode ser feita. Além disso, a expressão suscita a cooperação entre os indivíduos, a solidariedade, a alteridade e o reconhecimento de uma coletividade: esses são fatores indispensáveis para a obtenção da “felicidade coletiva”.

b) A ilha de Manhattan (grande centro financeiro de Nova Iorque) representa, de maneira geral, assim como no poema, o capitalismo, o imperialismo, o dinheiro. Para o eu lírico, o capitalismo é um sistema excludente, que promove injustiças, pois, o triunfo de poucos nasce da exploração de muitos, isto é, para que haja pouquíssimos abastados tem que haver uma multidão de explorados. Dessa forma, o pobre, o trabalhador, sujeita-se às ordens do sistema e se coloca na sua insignificância diante da “Grande Máquina”, aceitando o seu destino – “a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição” – porque não pode, sozinho – por mais que se queira –, explodir a ilha de Manhattan, ou seja, o capitalismo. Drummond explicita que o sistema capitalista é muito forte, e enorme, diante da pequenez do explorado que não consegue lutar contra ele.

REDAÇÃO - Proposta

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. (...) O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a “camarotização” de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de “camarotização” da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard.
O que o dinheiro não compra. Adaptado.

Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem shopping centers, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. **Folha de S. Paulo**, 28/04/2014. Adaptado.

[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] (...) Pode ser que o fenômeno “camarotização”, isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

Renato de P. Pereira. www.gazetadigital.com.br, 06/05/2014. [Resumido] e adaptado.

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à “camarotização” da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

REDAÇÃO - Comentários

A prova da Fuvest 2015 trouxe uma proposta de redação balizada por uma frase-tema: *“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia*, proposta bastante densa, mas com uma Coletânea muito eficiente para conduzir o candidato.

A proposta pauta-se em um neologismo – camarotização – conceituado no primeiro excerto da prova, do professor da Universidade Harvard, Michael J. Sandel: “significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas”. O excerto indica que, no passado, era diferente: classes sociais distintas conviviam em espaços públicos quase que irrestritamente. Hoje, em várias partes do mundo, tudo está “camarotizado”, o que, segundo o autor, não é bom para a democracia, que “exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum”, pois assim se aprende “a negociar e a respeitar as diferenças”.

O excerto 2 é uma entrevista com o mesmo professor Michael J. Sandel, comentando a afirmação de que o Brasil teria produzido uma sociedade mais segregada do que a norte-americana. Segundo ele, os

espaços públicos não devem servir apenas à população mais desfavorecida; seus serviços devem ter qualidade tão irrepreensível a ponto de as classes mais abastadas também quererem usufruir deles. O autor diferencia tais espaços e serviços de utilidade pública dos *shopping centers*, por exemplo, o qual é definido como ambiente habitado por “consumidores”, e não por “cidadãos”.

O excerto 3 analisa o fato recente do acesso de classes menos privilegiadas a ambientes recentemente quase exclusivos das elites, tais como aeroportos e centros de compras. Em vista disso, esses lugares hoje evidenciam o fenômeno da “camarotização”, uma vez que há, em muitos deles, com tendência a se tornar mais evidente, a segregação física que separa os mais ricos dos mais pobres – as alas VIPs de estacionamento e teatros são uma evidência disso, podendo no futuro estenderem-se, por exemplo, a setores diferenciados até mesmo em supermercados.

O excerto 4, testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou, compara a escola pública do passado – definitivamente democrática, atendendo a todas as classes sociais e com qualidade – com as escolas de hoje – espaços de segregação dos diferentes estratos sociais. Sabe-se que as escolas públicas atendem prioritariamente às classes sociais menos abastadas, ao passo que as particulares estão em sua maioria restritas às elites. Para o professor, trata-se de uma perda cultural com consequências desastrosas para a vida social.

Observa-se, então, uma Coletânea que direciona o candidato a refletir sobre a “camarotização” da sociedade brasileira como um problema que se coloca para a atualidade, em vista de que segregar as classes sociais só aumenta seu distanciamento e prejudica o sistema democrático em vigência atualmente. Extrapolando-se a Coletânea, episódios recentes em que as consequências disso se dão a ver; em que tudo o que é diferente é interpretado como “inferior” e “errado”, reflexo de uma sociedade, na verdade, antidemocrática, poderiam ser explorados: a repulsa aos “rolezinhos” em *shopping centers* e os discursos de ódio são apenas alguns exemplos dos quais o candidato poderia lançar mão para também subsidiar sua argumentação.

Equipe desta resolução

Português

Aislan Camargo Maciera

Bruna Leite Garcia

Thiago do Nascimento Godoy

Revisão e Publicação

Eliel Barbosa da Silva

Vanessa Alberto